Brazilian Applied Science Review

# A formação superior militar e a igualdade de gênero: uma história de conquistas

# Military superior training and gender equality: a history of achievements

Recebimento dos originais: 01/07/2018
Aceitação para publicação: 20/08/2018

**Hercules Guimarães Honorato**
Mestre em Educação pela Universidade Estácio de Sá
Instituição: Escola Superior de Guerra
Endereço: Rua Rego Lopes 45/301 - Bairro Tijuca, Rio de Janeiro – RJ, Brasil
E-mail: hghhhma@gmail.com

## RESUMO

O objetivo deste artigo é compreender a construção da identidade social da jovem mulher militar oriunda da formação superior nas Academias Militares brasileiras, e, em especial, na Escola Naval (EN), instituição de formação superior da Marinha do Brasil. Este estudo é de cunho qualitativo, bibliográfico e documental. A questão que norteou este estudo e que foi apresentada como coleta de dados para as Aspirantes pioneiras na graduação da EN foi: qual a importância para as Forças Armadas, em especial à Marina do Brasil, de termos mulheres oficiais formadas em sua instituição de ensino superior? O quartel tem por característica ser um território de homens, principalmente por envolver atividades de risco, força e de forte rigor da disciplina. A mudança estrutural nas relações entre gêneros evoluiu consideravelmente nos últimos anos, e como somos frutos de uma construção social histórica, uma vez abertas as oportunidades, as mulheres estão demonstrando seu valor e sua capacidade de decisão e liderança. As respostas a pergunta de pesquisa deixou claro a importância da entrada das mulheres na formação superior militar, a saber: (i) reconhecimento dos pares desde o início da formação; (ii) interação profissional; (iii) respeito ao outro; (iv) possibilidade de diversidade de pensamento; (v) auxílio ao amadurecimento dos pares masculinos; (vi) marco histórico e quebras de barreiras; (vii) preparação para o ambiente profissional onde terão mulheres como colegas de profissão.

**Palavras-chave:** Ensino Superior Militar. Escola Naval. Forças Armadas brasileiras. Igualdade de gênero.

## ABSTRACT

The purpose of this article is to understand the construction of the social identity of the young military woman from higher education in the Brazilian Military Academies, and especially in the Naval School (EN), a higher education institution of the Brazilian Navy. This study is qualitative, bibliographical and documentary. The question that guided this study and which was presented as data collection for the aspiring pioneers in the graduation of the EN was: what is the importance for the Armed Forces, especially the Navy of Brazil, to have official women trained in their institution of higher education ? The barracks has the characteristic of being a territory of men, mainly because

it involves activities of risk, strength and of strict discipline of the discipline. Structural change in gender relations has evolved considerably in recent years, and as we are the fruits of a historical social construction, once opportunities are open, women are demonstrating their value and their capacity for decision and leadership. The answers to the research question made clear the importance of the entry of women into higher military training, namely: (i) recognition of peers from the beginning of training; (ii) professional interaction; (iii) respect for the other; (iv) possibility of diversity of thought; (v) aid to the maturing of male pairs; (vi) historical milestone and breakdowns of barriers; (vii) preparation for the professional environment where they will have women as colleagues by profession.

**Keywords**: Military Higher Education. Naval School. Brazilian Armed Forces. Gender equality.

## 1 INTRODUÇÃO

> As mulheres de hoje estão destronando o mito da feminilidade; começam a afirmar concretamente sua independência; mas não é sem dificuldade que conseguem viver integralmente sua condição de ser humano (BEAUVOIR, 1967, p.7).

A epígrafe acima foi retirada do primeiro parágrafo do livro "Segundo Sexo", escrito por Simone de Beauvoir entre os anos de 1946 a 1948, com publicação inicial em 1949. A autora vivia numa época de término da Segunda Guerra Mundial e presenciou a recuperação de seu país, que fora dominado e dividido pelas potências em conflito. Poderíamos trazer e contextualizar a frase para os dias atuais, pois a luta pelo reconhecimento da mulher como força produtiva emancipada e participante ativa da sociedade contemporânea ainda é intensa e recente, com ganhos reconhecidos e retrocessos perceptíveis.

Após a mutação dos hominídeos para os seres humanos, há cerca de 250 mil anos, a sociedade humana passou a se basear na caça e na coleta. Homens e mulheres dividiam o poder em sistema de "coletivo de iguais", ou seja, por mais que houvesse divisão de tarefas, não havia um sistema hierarquizado entre eles. Do ponto de vista do gênero, portanto, existia igualdade, um poder partilhado, que Saffioti (2000, p.20) assevera: "[...] na sociedade de caça e coleta, a mulher provê no mínimo 60% das necessidades da comunidade; [...] Os homens caçam, mas a caça não é uma atividade cotidiana, [...]; ele provê cerca entre 30 a 40% da necessidades da comunidade".

O que se acredita, portanto, é que tanto os homens quanto as mulheres podem executar diferentes tipos de trabalhos e serem iguais, assim como podem desempenhar funções idênticas e serem desiguais; como Farr e Chitiga (1991 apud MACÊDO; MACEDO, 2004, p.83) argumentam, "o problema não se refere tanto sobre quem faz o quê, mas quem define os papéis do outro e se, tanto homens quanto mulheres, têm escolha". Com o passar dos séculos, observa-se o aumento da participação das mulheres em ocupações profissionais tradicionalmente masculinas como pano de fundo para uma efetiva igualdade de oportunidades entre ambos os sexos.

Em uma história de conquistas das mulheres na formação superior militar, com início com as cadetes intendentes na Academia da Força Aérea (AFA) no ano de 1996. A Escola Naval (EN) recebeu, em 2014, as suas primeiras doze Aspirantes[1], já incorporadas ao Corpo de Intendentes da Marinha do Brasil (MB). Em 2017, o Exército Brasileiro incorporou, a sua formação superior militar, as primeiras 40 cadetes mulheres na Escola Preparatória de Cadetes do Exército (EsPCEx), que, ato contínuo, foram matriculadas 34 jovens, em 2018, na Academia Militar das Agulhas Negras. Por isso mesmo consideramos este estudo como uma história de conquistas.

Assim exposto, esta pesquisa tem por objetivo compreender a formação da construção da identidade social da jovem mulher militar oriunda da graduação superior, via aquatelamento. A abordagem deste estudo é de cunho qualitativo e sua natureza é bibliográfica e documental. A questão que norteou este estudo e que foi apresentada como coleta de dados para as Aspirantes pioneiras na graduação da EN foi: qual a importância para as Forças Armadas, em especial à Marinha do Brasil, de termos mulheres oficiais formadas em sua instituição de ensino superior?

## 2 BREVE HISTÓRIA DA MULHER NAS FORÇAS ARMADAS BRASILEIRAS

Este capítulo apresenta uma breve história da incorporação das mulheres nas Forças Armadas brasileiras, desde o início da década de 1980 até os dias atuais.

### 2.1 MARINHA DO BRASIL

Em 24 de outubro de 1979, o então Senador da República por São Paulo, senhor Orestes Quércia, submeteu um Projeto de Lei do Senado [PLS] de nº 323 que tratava do ingresso voluntário de mulheres nas academias militares de nível superior. O projeto, em seu artigo 1º, ainda reservava um percentual de vagas para candidatos do sexo feminino (BRASIL, 1979). Em 28 de novembro de 1979, a Comissão de Constituição e Justiça do Senado, por intermédio do seu parecer nº 20, rejeitou o referido projeto, argumentando que o mesmo era inconstitucional, pois era prerrogativa do Presidente da República dispor sobre a estruturação, atribuições e funcionamento dos órgãos da administração federal.

À época, a Marinha crescia com a aquisição, no exterior e construção no Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro, de modernas Fragatas da Classe "Niterói", entre outros meios operativos, além de mobiliar, com mão de obra de nível técnico e universitário, o Centro Médico Naval do Rio de Janeiro, um complexo hospitalar recém-inaugurado, que incluía também o Hospital Naval Marcílio Dias.

[1] Aspirantes - denominação oficial, no ambiente da Marinha do Brasil, para os alunos da Escola Naval brasileira.

Aproveitando-se da ideia das mulheres nas Forças Armadas e da necessidade de liberar o militar operativo para as "atividades relacionadas diretamente com a preparação e o emprego do Poder Naval" (MENDES, 2010, p.1), em 7 de julho de 1980, com a promulgação da Lei número 6.807, foi criado pelo então Mininstro da Marinha, o Almirante-de-Esquadra Maximiano Eduardo da Silva Fonseca, o Corpo Auxiliar Feminino da Reserva, composto por um quadro de Oficiais e outro de Praças (ANDRADA; PERES, 2012).

Seguindo ainda na vanguarda, a MB abrilhantou o contexto histórico da inclusão de gênero quando, em 2012, promoveu a Drª. Dalva Maria Carvalho Mendes ao posto de Contra-Almirante, sendo a primeira mulher a atingir o cargo de Oficial-General. Nesse caminhar, podemos salientar que a construção da identidade do militar sempre esteve associada à figura do homem, seja na Marinha, no Exército ou na Força Aérea, o que se tornou, antropológica e socialmente, uma construção histórica de conquistas vitoriosas e recuos sentidos, tendo um grande desafio, que era a entrada das mulheres em um mundo até então exclusivamente masculino.

Após mais de 30 anos da entrada das primeiras mulheres nas fileiras da Marinha do Brasil (MB), em 2014, pela primeira vez, passaram a pisar o solo histórico da Ilha de Villegagnon, sede desde 1938 da Escola Naval, doze Aspirantes no Curso de Graduação, futuras bacharéis em "Ciências Navais". Essas pioneiras na formação militar superior na MB representavam cerca de 1,5% do total de discentes da Instituição.

## 2.2 FORÇA AÉREA BRASILEIRA

A Força Aérea brasileira (FAB) admitiu o ingresso de mulheres em 1982, inicialmente em atividades administrativas e na área da saúde, similar ao realizado pela MB. Em 1996, utilizando o mandamento contitucional de que "homens e mulheres são iguais em direitos, obrigações e oportunidades" (TAKAHASHI, 2002, p.135), o então Ministro da Aeronáutica, Brigadeiro Mauro Gandra, admitiu na Academia da Força Aérea (AFA) as primeiras mulheres em curso de formação superior, no quadro de Intendência, para o "recebimento de uma formação acadêmico-militar idêntica à dos homens em curso de formação de oficiais de carreira e a possibilidade de atingir o generalato" (TAKAHASHI, 2002, p.135).

A partir de 2002, a possibilidade profissional das mulheres nessa Academia foi ampliada, com a opção, durante o concurso de admissão, para o ingresso no Curso de Formação de Oficiais Aviadores, que, segundo Santos (2006, p.38), "destina-se a aumentar a participação feminina no curso, compensado o fato de que não há vagas para mulheres na Escola Preparatória de Cadetes do Ar, de onde provém a maior parte dos Cadetes Aviadores da AFA".

## 2.3 EXÉRCITO BRASILEIRO

Não obstante, no Exército Brasileiro (EB) foi criado um Quadro Complementar de Oficiais em 1990. "Diferentemente da Marinha e da Aeronáutica, as mulheres ficaram reunidas num quadro à parte, no Exército foi criado o Quadro de Oficiais Auxiliares, composta por homens e mulheres, para o exercício de funções técnicas" (ANDRADE; PERES, 2012, p.36).

Em seguida a lei nº 12.705, de 08 de agosto de 2012, que dispõe sobre os requisitos para ingresso nos cursos de formação de militares de carreira do Exército, em seu artigo 7º, determinava que "o ingresso na linha militar bélica de ensino permitido a candidatos do sexo feminino deverá ser viabilizado em até 5 (cinco) anos a contar da data de publicação desta Lei". Nestea ano, quarenta jovens brasileiras começaram o curso de graduação na Escola Preparatória de Cadetes do Exército, organização militar que habilita os seus formandos a entrarem direto na Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN), instituição militar de formação superior do EB.

## 2.4 O RESUMO DAS CONQUISTAS DAS MULHERES NAS FORÇAS ARAMADAS BRASILEIRAS

O quadro 1 apresenta a evolução da incorporação de mulheres militares explicitando as principais formas de ingresso do Corpo Feminino, que representaram marcos históricos e legais, e seus respectivos anos de admissão, bem como os quadros e corpos que foram constituindo ao longo de suas carreiras militares.

**Quadro 1** – Admissão das Mulheres nas três Forças Armadas

| **FORÇA** | **MARINHA** | **FORÇA AÉREA** | **EXÉRCITO** |
|---|---|---|---|
| **ANO DE ADMISSÃO** | 1980 | 1982 | 1992 |
| **QUADRO / CORPO** | Corpo Auxiliar Feminino da Reserva | Corpo Feminino da Reserva | Quadro Complementar de Oficiais |
| **MARCO LEGAL** | Lei nº 6.807, de 1980 | Lei nº 6.924, de 1981 | Lei nº 7.831, de 1989 |
| **ANO DE ADMISSÃO** | 2014 | 1995 | 2017 |
| **QUADRO / CORPO** | Aspirantes da Escola Naval Intendência | Cadetes da Academia da Força Aérea Intendência | Cadetes da EsPCEx |
| **MARCO LEGAL** | Lei n° 12.704, de 2012 | Aviso ministerial nº.006/GM3/024, de 1995 | Lei n° 12.705, de 2012 |
| **ANO DE ADMISSÃO** | 2019 | 2003 | 2018 |
| **QUADRO / CORPO** | Aspirantes da Escola Naval Armada e Fuzileiros Navais | Cadetes da Academia da Força Aérea Pilotos | Cadetes da Academia Militar de Agulhas Negras |
| **MARCO LEGAL** | Memorando ET-2017/03-01142 de 10/04/17 | Portaria nº 556T/GC3, de 2002 | Lei n° 12.705, de 2012 |

**Fonte:** Ministério da Defesa.

O ingresso da mulher na carreira militar, portanto, simboliza um grande avanço na busca pela igualdade de gênero, sendo então um “marco nacional, com importantes repercussões e reflexos, não apenas no âmbito das Forças Armadas, mas na sociedade brasileira de modo geral” (ANDRARA; PERES, 2012, p.54), abrindo desta maneira novas expectativas profissionais para a esfera militar e evidenciando a grande importância da integração entre homens e mulheres.

## 3 VALORES MILITARES

A caserna tem por característica ser um território de homens, principalmente por envolver atividades de risco, força e de forte rigor da disciplina. Carreiras (2004, p.91) argumenta que, apesar dessa tentativa atual de "equalização estatutária entre militares de ambos os sexos, persistem ainda diversas restrições ocupacionais e as mulheres continuam maioritariamente excluídas de funções relacionadas com o combate". Porém, uma vez que as oportunidades foram abertas, "as mulheres estão demonstrando sua alta capacidade de decisão, autonomia e comando [...] os desafios agora são o pleno acesso das mulheres às atividades de risco e às mais altas funções de comando e de decisão" (ANDRADA; PERES, 2012, pp.14-15).

É importante realçar que a base do trabalho, em qualquer organização, inclusive a militar, é formada pelos seus valores, que norteiam também os objetivos pessoais e, consequentemente, devem estar em consonância com os princípios e valores organizacionais, que servirão de base para melhorar a eficiência do trabalho, sendo necessário o alinhamento dos objetivos dos trabalhadores aos da empresa, orientando ambos a uma direção com o mesmo fim (RIBAS; RODRIGUES, 2009). Os valores organizacionais dizem respeito ao comportamento desejado do indivíduo em relação ao seu ambiente de trabalho, e também servem como motivador de seu relacionamento com as tradições de sua instituição, comunicados e transmitidos entre seus membros, sem deixar de possuir certa correspondência com os valores pessoais.

Castro (2004, p.15) argumenta, em seu estudo antropológico na AMAN, que "o Cadete vive um processo de socialização profissional durante o qual deve aprender os valores, atitudes e comportamentos apropriados a vida militar. [...] é na interação com outros cadetes e com os Oficiais que ele aprende como é ser militar". Esse autor, citando Dornsbuch (1995 apud CASTRO, 2004, p.35), afirma ainda que as "academias militares constituem-se no 'exemplo extremo' de uma 'instituição assimiladora': 'Ela isola os cadetes do mundo de fora, ajuda-nos a se identificar com um novo papel, e, assim, muda sua auto-concepção'". Nesse isolamento, os novos cadetes começam a conhecer os valores e virtudes dos militares, em especial a hierarquia e a disciplina, binômio estrutural da vida na caserna.

## 4 ANÁLISE DA COLETA DE DADOS

As doze Aspirantes, que iniciaram o curso de graduação da EN em 2014, são consideradas como pioneiras na inclusão da mulher na formação superior da Marinha, como retratado em capítulo anterior. Todas, até o presente momento, não foram reprovadas e acompanham a turma desde o início, que concluiu o curso superior militar no final de 2017 com 212 discentes, representando cerca de 5,6% do total de Guardas-Marinha concluintes.

A questão de pesquisa, que foi apresentada por intermédio de um simples questionário às alunas pioneiras, procurou-se verificar o que significa a formação superior militar dentro de uma instituição de ensino militar, onde as mulheres são minoria absoluta, e vivem em um ambiente de aquartelamento, convivendo com seus pares do sexo masculino de segunda a segunda. Para mantermos o sigilo da fonte, as respostas foram aleatoriamente denominadas de "Asp1" a "Asp12".

Repetindo a pergunta: qual a importância para as Forças Armadas, em especial à Marinha do Brasil, de termos mulheres oficiais formadas em sua instituição de ensino superior?

A Asp11 considerou como uma possibilidade que as mulheres "*tenham a oportunidade de construir o sentimento da formação militar, por quatro anos, com a maioria dos homens. Os oficiais formados nessas instituições possuem um alto grau de militarismo, que inclui, por exemplo, o costume com a distância familiar, o sentimento de disciplina e hierarquia bem desenvolvidos.*". Tal posição é corroborada pela Asp3, que afirma ser "*mais fácil de incutir valores da carreira militar. [...] Além disso, é importante a presença feminina porque habitua, desde o processo de formação, militares do sexo masculino a ela*".

O que este autor concorda com o que a Asp7 expõe que com a presença das mulheres em um ambiente até então masculino, tende a acarretar "*o respeito atribuído em relação a pessoa da mulher, muda alguns compotamentos que existiam em ambientes, outrora, predominatemente masculinos.*". O que é complementado com pertinência pela Asp.1, "*o trabalho em conjunto entre homens e mulheres gera maior seriedade e respeito, e isso é muito proveitoso para o serviço e prepara os Aspirantes homens para a situação futura quando assumirão suas funções nas organizações militares quando já terão mulheres servindo.*".

Um argumento explorado pela Asp.4 foi o da higidez física, quando deixa claro a diferença que existe. Porém, a referida discente ainda afirma que "*podemos sustentar e combater tanto quanto eles*", o que demonstra o reconhecimento da importância da relação entre gêneros que foi e está sendo construída dentro dos ambientes da EN. Um contra-argumento bem apresentado pela Asp.6 atualiza-nos sobre o estágio da guerra atual, *"[...] no século XXI, a guerra tornou-se mais 'inteligente', no sentido em que os equipamentos, a tecnologia e o conhecimento são fatores determinantes para se ganhar a guerra*.".

Ao final, podemos construir, com as falas das Asp.8, Asp.9 e Asp.2, uma resposta síntese a questão que norteou este estudo: "*Diversificação de pensamentos e mentalidade, auxílio ao amadurecimento dos pares masculinos nas escolas de ensino supeiror militar, também importante na formação onde ambos os sexos podem interagir, desde cedo, já criando respeito, uma maior responsabilidade, seriedade e profissionalismo, e cada vez mais igualdade de gêneros. A vida no internato proporciona ensinamentos que são carregados ao longo da carreira de uma oficial formada nessas escolas.*"

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Existe um aumento da participação das mulheres em diversas ocupações profissionais, até pouco tempo notadamente masculinas. Em 2012, tivemos uma oficial do quadro de médicos sendo promovida ao mais alto posto da Marinha, o de Almirante; temos mulheres trabalhando na construção civil; como motoristas de ônibus e até em aviões de combate. A mudança estrutural nas relações entre gêneros evoluiu consideravelmente nos últimos anos e, como somos frutos de uma construção social histórica, uma vez abertas as oportunidades, as mulheres estão demonstrando seu valor  e sua capacidade de decisão e liderança.

Os alunos, recém-admitido também nas escola de formação militar das Forças Armadas, é tradicionalmente chamado de "calouro" ou "bicho". A pressão, sob vários aspectos, que é exercida nesse período em questão, com exercícios físicos, treinamentos militares e muita informação sobre a carreira e a cultura militar, faz parte de melhor prepará-los para o dia a dia repleto de atividades, tanto acadêmicas quanto profissionais do ciclo escolar. É um período no qual não se consegue parar e pensar, o tempo todo é ocupado. É um período onde começam a fazer parte da turma, agora de homens e mulheres, e a pertencer a instituição formadora miltar.

As instituições de formação superior militar desejam que as suas Cadetes/Aspirantes conheçam as representações sociais militares, descubram sua vocação, apreendam o estilo de vida da tropa e os valores militares. Além disso, se aspira a que se conscientizem sobre os comportamentos desejáveis que deverão seguir na profissão castrense, de dedicação à Força e à Pátria, sem se esquecerem de que são mulheres e cidadãs, integrantes ativas de uma sociedade que busca, em suas cores e ações, respaldo para um país forte e desenvolvido.

As respostas a pergunta de pesquisa deixou claro a importância, em diversos aspectos, da entrada das mulheres na formação superior militar, na lente das alunas pioneiras no ensino superior na Escola Naval, podemos desvelar: (i) o reconhecimento dos pares desde o início da formação; (ii) a interação profissional; (iii) o respeito ao outro; (iv) a possibilidade de diversidade de pensamento; (v) o auxílio ao amadurecimento dos pares masculinos; (vi) o marco histórico e quebras de

barreiras; (vii) a preparação dos futuros oficiais homens para o ambiente profissional, onde terão mulheres como colegas de profissão.

A história das mulheres nas academias militares começou com a Academia da Força Aérea, em 1996, e agora termina o ciclo de conquistas com a entrada de trinta e quatro jovens brasileiras na graduação do Exército. A mulher, independente do seu ambiente de trabalho, é um ser à procura de deixar de ser apenas o Outro, procurando ser realmente o Sujeito, ativo e igual em todos os aspectos e atividades de nossa vida em sociedade.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, S. A. de; PERES, H. M. **Mulheres a Bordo**: 30 anos da mulher militar na Marinha do Brasil. Rio de Janeiro: Hmperes & Associados, 2012.

BEAUVOIR, S. de. **O Segundo Sexo**: a experiência vivida. 2. ed. Tradução Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.

BRASIL. Presidência da República. Lei n. 12.705, de 08 de agosto de 2012. Dispõe sobre os requisitos para ingresso nos cursos de formação de militares de carreira do Exército. **Diário Oficial [da] União**. 09 ago. 2012.

_____. Senado Federal. Comissão de Constituição e Justiça. **Parecer nº 20**, de 28 de novembro de 1979. Brasília, DF. Serviço de Atendimento ao Usuário da Secretaria de Arquivo do Senado Federal (SARQ), 1979.

CARREIRAS, Helena. Mulheres em contextos atípicos: Lógicas de exclusão e estratégias de integração feminina nas Forças Armadas. **Etnográfica**, v. VIII, n.1, p.91-115, 2004.

CASTRO, C. **O Espírito Militar**: um antropólogo na caserna. 2. ed. revista. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

MACÊDO, G. S.; MACEDO, K. B. As relações de gênero no contexto organizacional: o discurso de homens e mulheres. **Revista Psicologia**, v.4, n.1, p.81-90, 2004. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpot/v4n1/v4n1a04.pdf>. Acesso em: 02 abr. 2015.

MENDES, L. C. K. B. **Subsídios sobre a presença da mulher na MB**. Brasília, DF: Centro de Comunicação Social da Marinha, 2010.

RIBAS, F. T.T.; RODRIGUES, C. M. C. Valores organizacionais declarados e implantados: uma

percepção entre o real e o desejado. **Revista Iberoamericana de Engenharia Industrial**, Florianópolis, v.1, n.2, p.43-60, dez. 2009.

SAFFIOTI, H. O segundo sexo à luz das teorias feministas contemporâneas. In: MOTTA, A. B.; SARDENBERG, C.; GOMES, M. (Orgs.). **Um diálogo com Simone de Beauvoir e outras falas.** Salvador: NEIM/UFBA, 2000, parte I, p.15-39. (Coleção Bahianas; 5).

SANTOS, A. C. A. dos. O empego de Aviadoras na Aviação de Caça da Força Aérea Brasileira. **Revista UNIFA**, Rio de Janeiro, v.18, n.21, p.35-47.

TAKAHASHI, E. E. **Homens e Mulheres em campo:** um estudo sobre a formação da identidade militar. 276f. 2002. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP, 2002.